

O BEIJO DA MULHER ARANHA

AUTOR: Manuel Puig

Número de personagens:

Personagens:

Molina - prisioneiro em Buenos Aires

Valentim - idem Molina

Voz em off do guarda

Voz em off do diretor da prisão

Número de páginas: 81

Número de exemplares: 2

Atos: 2

Tema: Dois homens presos, um é preso político e o outro é um alcagüete tentando descobrir quem são os companheiros do primeiro, mas os dois terminam se envolvendo afetivamente

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

~~REPRESENTANTE NO R. 9. SUL~~

O BEIJO DA MULHER ARANHA



Cabrin
29.01
21.09.97

Adaptação cênica do romance homônimo

de MANUEL PUIG,

realizada pelo autor.

Tradução de

Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite

14.10.03



· Primeiro ato



CENA I

Uma cela pequena da prisão de Villa Devoto em Buenos Aires. Escuridão total. De repente caem luzes brancas sobre as cabeças de dois homens, estão sentados, olham em direções opostas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MOLINA: — A gente nota que ela tem algo estranho, que não é uma mulher como as outras. Muito jovem, o feitio do rosto... mais redondo do que ovalado, terminando em ponta, feito um gato.

VALENTIN: — E os olhos?

MOLINA; — Quase com certeza, verdes. Olha para o modelo, a pantera negra do jardim zoológico, que estava na jaula, deitada. Mas aí quando a moça fez barulho com a folha de desenho, a pantera a viu.

VALENTIN: — E o animal não ferejou ela antes?

MOLINA: — (Deliberadamente não dá resposta.) Mas quem está atrás? alguém tenta acender um cigarro, o vento apaga o fósforo.



VALENTIN: — Quem é?

MOLINÁ: — Espera. Ela se sobressalta. Ele não é um galã bonito, mas de rosto simpático, com chapéu de aba baixa. Toca a aba do chapéu a título de cumprimento diz a ela que o desenho é bacana. A moça ajeita com a mão a sua franja encaracolada.

VALENTIN: — Continue.

MOLINÁ: — Ele percebe que é estrangeira por causa do sotaque. A moça lhe conta que ao estourar a guerra embarcou para Nova Iorque. Ele lhe pergunta se sente saudades de sua terra. É como se passasse uma nuvem pelos olhos dela, e responde que vem das montanhas, lá pelas bandas da Transilvânia.

VALENTIN: — Do mesmo lugar que o Drácula.

MOLINÁ: — Ele, que é arquiteto, está no dia seguinte em seu estúdio com os seus companheiros arquitetos e também com uma colega, e quando batem três horas quer largar tudo para atravessar o jardim zoológico que está logo em frente. A colega pergunta por que está tão contente, nota-se que no fundo está apaixonada por ele, por *Amis* que ela disfarce.

VALENTIN: — Ela é um bofe?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MOLINÁ: — Não, tem cabelo castanho, nada do outro mundo, mas agora dável. Mas a garota do zoológico, que se chamava Irena, não Irene, desapareceu. Passam-se os dias e o rapaz não conseguiu esquecer-la, até que um belo dia, andando por uma avenida que é um luxo, vê alguma coisa

na vitrine de uma galeria de arte. Estão expostas as obras de alguém que só desenha... panteras. O rapaz entra, lá está Irena que é felicitada por outros pretendentes. E não sei direito como continua



VALENTIN: — Puxe pela memória...

MOLINA: — Espere um pouco... Bem, aí o rapaz também a cumprimenta. Ela deixa os críticos ali plantados e vai embora com ele. Então este lhe conta que passou pela galeria por acaso, que estava procurando outra loja para comprar um presente.

VALENTIN: — Para a colega arquiteta.

MOLINA: — O que ele pensa é se o dinheiro vai chegar para comprar dois presentes iguais. E pára em frente da loja, ela olha com desconfiança, é uma casa de pássaros e nas gaiolas tem pássaros de todo tipo, bebendo a água fresca, recém-trocada.

VALENTIN: — Desculpe... tem água na garrafa?

MOLINA: — Sim, enchi quando abriram pra gente ir no banheiro. (A luz branca que iluminava apenas as cabeças passa a iluminar a figura inteira de cada personagem; nela primeira vez é que se vê a cela.)

VALENTIN: — Então está bem.

MOLINA: — Mas não evagere, ela chena para o dia inteiro.

VALENTIN: — Mas não vá me acostumar mal. Me esqueci de trazer quando abriram a porta para o banho de chuveiro, se não é você se lembrar a gente ficava sem água.

MOLINA: — Tem de sobra, te digo... Mas quando entram na loja

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

de pássaros é como se tivesse entrado quem sabe quem, o diabo. Os pássaros voam cegos de medo contra as gradezinhas das gaiolas, e machucam as asas. Ela segura na mão do rapaz e o puxa para fora. Os pássaros se acalmam logo. Ela lhe pede que a deixe ir embora. Ele tenta entrar, os pássaros continuam cantando tranquilos, compra um para a aniversariante. E depois... bem, não me lembro muito bem como continua, estou com sono.

VALENTIN: — Continue um pouco mais.

MOLINA: — E que com o sono eu me esqueço do filme. Continuo na hora do chimarrão.

VALENTIN: — Não, é melhor de noite, durante o dia não quero pensar nessas babaquices. Tem coisas mais importantes em que pensar.

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Se não estou lendo e fico calado é porque estou pensando. Mas não vá me interpretar mal.

MOLINA: — (Aborrecido com a observação de Valentín, com ironia muito velada.) Está bem, não vou distrair a sua atenção, não tem perigo.

VALENTIN: — Vejo que você me entende, muito obrigado. Até amanhã.
(Acomoda-se para dormir.)

MOLINA: — Até amanhã, sonhe com Irena. (Deita-se também, mas fica pensativo.)

VALENTIN: — Gosto mais da colega arquiteta.

MOLINA: — Eu já sabia.





CENA II

Ambos sentados, em outra posição, não se olham; só as cabeças iluminadas, instantes depois reaparece a luz noturna.

MOLINA: — Eles continuam se vendo e se apaixonam. Ela o acaricia em seus braços, mas aconchega-se quando o rapaz quer abraçá-la com força e beijá-la ela escapoile dele. Pede-lhe que não a beije, que deixe ela beijá-lo, com os lábios carnudos, mas cerrados. (Valentín está prestes a dizer alguma coisa mas Molina continua.)... Até que uma noite se sente sozinha e se apresenta ao rapaz no apartamento dele. Um apartamento grande, todo fim-de-século, da mãe do moço.

VALENTIN: — E o que é que ele faz?

MOLINA: — Nada, acende o cachimbo e a fita com essa bondade que se nota nele a todo instante.

VALENTIN: — Gostaria de lhe perguntar como você imagina a mãe do sujeito.



MOLINA: — (Sem humor.) Para você caçar de mim?

VALENTIN: — Prometo que não.

MOLINA: — Não sei... um encanto de pessoa. Fez a felicidade do marido e dos filhos, sempre muito bem arrumada.

VALENTIN: — Você imagina ela fazendo faxina na casa?

MOLINA: — Não, eu a vejo imocável, o vestido de gola alta, a parte rendada; disfarça as rugas do pescoço.

VALENTIN: — Sempre imocável. Tem empregados, explora pessoas que não têm outro remédio senão servi-la por uns niqueis. E claro, foi feliz com seu marido que por sua voz a explorou, manteve-a trancada em casa como uma escrava, à espera dele...

MOLINA: — Escuta...

VALENTIN: — ... à espera dele todas as noites, de volta de seu escritório de advocacia, ou do consultório médico. E ela esteve de acordo com o sistema, e inculcou no filho todo aquele lixo e agora o filho toa com a mulher-pantera. Que agente.

MOLINA: — (Irritado.) Me dá raiva que você se saia com essa, logo agora que eu tinha me esquecido desta cela imunda, contando a fita pra você.

VALENTIN: — Eu também tinha me esquecido.

MOLINA: — E então, por que me cortar o barato.

VALENTIN: — Vou te explicar.

MOLINA: — Sim, mas amanhã. ... Por que não calhou de eu ficar com o namorado da mulher-pantera, em vez de você...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VALENTIN: — Essa é outra história, e não me interessa.

MOLINA: — Falar disso te assusta?

VALENTIN: — Me aborrece. Já sei tudo sobre você, embora não tenha me contado nada.

MOLINA: — Bem, lhe contei que caí por motivo de corrupção de menores, com isso eu disse tudo, agora não vá bancar o psicólogo.

VALENTIN: — (Escudando-se no humor) Confessa que gosta dele porque fuma cachimbo.

MOLINA: — Não, porque é um sujeito pacífico e compreensivo.

VALENTIN: — A mãe o castrou, e pronto.

MOLINA: — Gosto, e tá acabado. E você gosta da arquiteta, o que é que ela tem de guerrilheira?

VALENTIN: — Gosto, está legal, mais do que da pantera. Mas o cachimbo não serve pra você.

MOLINA: — Mas por quê?

VALENTIN: — Tuas intenções não são de todo castas, hein? Confessamos.

MOLINA: — Claro.

VALENTIN: — Bem, ele gosta de Irena porque ela é frígida e não tem medo que atacá-la, por isso é que a leva para casa onde a mãe está presente, embora esteja morta.

MOLINA: — (Transbordando de raiva.) Continue.

VALENTIN: — Se ele deixou em casa todas as coisas da mãe intactas é porque quer continuar sendo sempre um menino, e o



traz para casa não é uma mulher, mas uma menininha para brincar.

MOLINA: — Mas isso tudo são coisas da tua cuca. Sei lá se a casa era da mãe dele, eu te disse aquilo porque gostei muito daquele apartamento e, como vi antiguidades disse que podia ser da mãe, masis nada. Provavelmente ele deve alugá-lo mobiliado.

VALENTIN: — Então você está inventado a metade do filme.

MOLINA: — Juro que não, mas há coisas que para te dar uma idéia, bem, de alguma forma tenho que explicá-las. A casa, por exemplo. E não se esqueça que sou vitrinista, que é quase tanto como decorador. ... Bem, ela começa a contar, disso eu não me lembro direito como era ... O que sei é que na aldeia dela existiram tempos atrás mulheres-pantera. E essas histórias a assustaram muito quando era pequena.

VALENTIN: — E os pássaros, por que é que eles têm medo dela?

MOLINA: — Isso é o que o rapaz pergunta a Irena. E ela, o que lhe responde? Não lhe responde nada! E a cena termina com ele de pijama e um robe-de-chambre bacana mas não de luxo, liso sem desenhos, e espia lá do quarto dele ela dormindo no sofá, acende o cachimbo e fica pensativo.

VALENTIN: — Sabe do que é que eu gosto?, que é como uma alegoria, é do medo que a mulher tem de se entregar ao homem, porque quando se dá ao sexo se torna um pouco animal, percebeu?

9 #10
MOLINA: — (Não gosta nada do comentário de Valentín.) Irena acordou já está clareando.

VALENTIN:—Acorda por causa do ^{filho} fio, que ~~tem~~ a gente.

MOLINA: — (Irritado.) Sabia que você ia dizer isso. Quem a acorda é um canário que canta na gaiola. Irena primeiro tem medo de se aproximar, mas vê que o passarinho está feliz da vida e cria coragem. Suspira fundo, aliviada, porque o passarinho não se assusta com ela. E prepara torradas e cereais, e panquecas...

VALENTIN:—Não fale em comida...

MOLINA: — E panquecas...

VALENTIN:—Por favor, estou falando sério. Nada de comidas nem de mulheres nuas.

MOLINA: — Bem, ela o acorda e ele está feliz em vê-la tão à vontade em casa e lhe pergunta-se quer ficar morando ali para sempre, e casar com ele. Irena responde que com todo o coração e olha as cortinas lhe parecem tão lindas, de veludo escuro. (Com agressividade.) Vê-se então toda a decoração de fim-de-século. Aí então para ser sua mulher de verdade Irena pede que lhe dê um pouco de tempo, até todos os medos passarem...

VALENTIN:—Você percebe o que acontece com ela, não?

MOLINA: — Espera. Ele concorda e casam. E quando chega a noite de núpcias, ela dorme na cama e ele no sofá.

VALENTIN:—Olhando a decoração da mãe. Confessa que é a casa onde você gostaria de morar.

MOLINA: — Claro! E agora tenho que agüentar que você diga o que todo o mundo me diz.

VALENTIN: — Vamos lá... o que é que eu vou te dizer?

MOLINA: — Todos são iguais, vêm com a mesma história de sempre!

VALENTIN: — O quê?

MOLINA: — Que quando era pequeno me mimaram demais, e por isso sou assim, que fiquei grudado na saia de minha mãe, mas que a gente sempre pode se endireitar e o que preciso é de uma mulher, porque mulher é a melhor coisa que existe.

VALENTIN: — Te dizem isso?

MOLINA: — Sim, e aí respondo... ótimo! concordo!, já que as mulheres são a melhor coisa que existe... eu quero ser mulher. Pois então me poupa de ouvir conselhos, que eu sei o que se passa comigo e tenho tudo muito claro na cabeça.

VALENTIN: — Eu não vejo tão claro assim, pelo menos como você acaba de definir.

MOLINA: — Não preciso que você me esclareça nada e se quiser continuo o filme, e, se não quiser, paciência, conto para mim mesmo em voz baixa, e arrivederci, Sparafucile!

VALENTIN: — Quem é Sparafucile?

MOLINA: — Você não sabe nada de ópera, é o traidor do Rigoletto.
... Onde estávamos?

VALENTIN: — Na noite de núpcias. Que ele não a t oca.



MOLINA: — Não lhe falei que eles combinaram que ela fosse num psicanalista.

VALENTIN: — Desculpe... não vá se zangar.

MOLINA: — O que está acontecendo?

VALENTIN: — (Menos comunicativo ainda do que de costume, sombrio.) Não consigo me concentrar naquilo que você está contando.

MOLINA: — Você se aborreceu?

VALENTIN: — Não, isso não. Tenho um rolo na minha cabeça. (Fa-la mais para si mesmo do que para o outro.) Quero ficar um momento calado. Não sei se já aconteceu contigo, que você sente que está prestes a sacar alguma coisa, que você está com o fio da meada e se não começar a puxar logo... ela foge.

MOLINA: — Por que você gosta da colega arquiteta?

VALENTIN: — Por algum lado ele tem que sair... (Com desprezo de si próprio.) A fraqueza quero dizer.

MOLINA: — Não é fraqueza, cara.

VALENTIN: — (Ácido, nada sentimental.) É curioso como a gente não consegue ficar sem se afeicoar a alguma coisa. E... como se a mente segregasse sentimento, sem parar...

MOLINA: — Acredita nisso?

VALENTIN: — Que nem uma torneira mal fechada. Gotas que vão caindo sobre qualquer coisa.

MOLINA: — Qualquer coisa?





VALENTIN: — Não se consegue pará-las.

MOLINA: — E você não está querendo pensar em sua companheira, não é isso?

VALENTIN: — (Muito desconfiado.) Que é que você sabe se eu tenho ou não uma companheira?

MOLINA: — Seria o normal.

VALENTIN: — Não consigo evitar... me afeição a qualquer coisa que tenha algo dela. Bem, penso melhor naquilo que tenho que pensar, concorda?

MOLINA: — Puxe a meada.

VALENTIN: — Ótimo.

MOLINA: — Mas se a linha se emaranhar, menina Valentina, eu lhe dou zero em trabalhos manuais.

VALENTIN: — Não se preocupe comigo.

MOLINA: — Está bem, não me meto mais.

VALENTIN: — E não me chame de Valentina, que eu não sou mulher.

MOLINA: — Não tenho provas.

VALENTIN: — Sinto muito, Molina, mas não faço demonstrações.

MOLINA: — Não se preocupe que eu não vou pedir.



CENA III

Noite, a luz elétrica da penitenciária ainda está acesa,
Molina e Valentín comem sentados no chão.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: — (Põe-se a falar mal ele termina a última garfada.)
Você cozinha bem.

MOLINA: — Obrigado, Valentín.

VALENTIN: — Mas vai me acostumar mal. Isso pode me prejudicar.

MOLINA: — Você é maluco, vive o momento, aproveita!

VALENTIN: — Não acredito nessa história de se viver o momento. Isso
fica para o paraíso terrestre.

MOLINA: — Você acredita no céu e no inferno?

VALENTIN: — Espera, Molina, se vamos discutir que seja com certo ri-
gor;

perder-se em divagações é coisa de garotos, discussão de
colégio.

MOLINA: — Eu não estou me perdendo em divagações.



VALENTIN: — Então deixa eu te fazer uma colocação.

MOLINA: — Estou ouvindo.

VALENTIN: — Eu não posso viver o momento porque vivo em função de uma luta política, você entende? Tudo o que posso agüentar aqui, que já é bastante... mas que não é nada se você pensa na tortura... que você não sabe o que é.

MOLINA: — Mas posso imaginar.

VALENTIN: — Não, não pode imaginar... Bem, mas eu agüento tudo, porque há uma planificação. Existe o importante, que é a revolução social, e o secundário, que são os prazeres dos sentidos. O grande prazer é outro, é saber que estou a serviço do que existe de mais nóbre, que é... bem... todas as minhas idéias... (A luz da penitenciária se apaga, fica a luz azul da noite.) As oito...

MOLINA: — Como, tuas idéias?

VALENTIN: — Meus ideais... o marxismo. E esse prazer eu posso sentir em qualquer lugar, aqui mesmo nesta cela, e na tortura. E essa é a minha força...

MOLINA: — E tua carota?

VALENTIN: — Isso também tem que ser secundário. Para ela eu também sou secundário. Porque ela também sabe o que é mais importante.

MOLINA: —

VALENTIN: — Não parece muito convencido, Molina.

MOLINA: — Deixa pra lá. Vou dormir.

VALENTIN: — Você está louco, e a pantera?

MOLINA: — Amanhã.

VALENTIN: — Mas que é que há com você?

MOLINA: — Olha, eu sou assim, as coisas me magoam. Fiz essa comida pra ti, com as minhas provisões, e o pior de tudo: gostando como eu gosto de abacate, te dei a metade, podia ter guardado pra mim para amanhã. E pra quê... para você me jogar na cara que te acostumo mal.

VALENTIN: — Não seja tão frouxo! Isso é coisa de... (Ele se interrompe.)

MOLINA: — Diga.

VALENTIN: — Diga o quê?

MOLINA: — Eu sei o que você ia dizer, Valentín.

VALENTIN: — Não seja tolo.

MOLINA: — Ia dizer que isso é coisa de mulher.

VALENTIN: — Isso mesmo.

MOLINA: — E o que é que tem de errado em ser frouxo como uma mulher? Por que um homem, ou seja lá o que for, um cachorro, ou uma bicha, não pode ser sensível se lher na telha?

VALENTIN: — Ao homem esse excesso pode incomodar.

MOLINA: — Para quê? Para torturar?

VALENTIN: — Não, para acabar com os torturadores.



MOLINA: — É, mas se todos os homens fossem como as mulheres não haveria torturadores.



VALENTIN: — E o que é que você faria sem homens?

MOLINA: — Você tem razão. São uns brutos, mas eu gosto deles.

VALENTIN: — Molina... você diz que se todos fossem como as mulheres não haveria torturadores. Está aí uma colocação ao menos, irreal mas afinal uma colocação.

MOLINA: — Que jeito de dizer as coisas. (Imitando Valentín.) "Está aí uma colocação ao menos."

VALENTIN: — Desculpa se te chateei.

MOLINA: — Não há nada que desculpar.

VALENTIN: — Bem, então fica mais contente, e não me bota de castigo.

MOLINA: — Quer que continue o filme?

VALENTIN: — Claro, homem.

MOLINA: — Mas que homem? Onde está o homem? Diz onde, que eu não deixo ele fugir.

VALENTIN: — (Procurando disfarçar que achou graça na intervenção de Molina.) Conta logo.

MOLINA: — Irena vai ao psicanalista, que é um sujeito alinhadíssimo, muito bem-apanhado, um pão.

VALENTIN: — O que é pra você um sujeito alinhadíssimo? Gostaria de saber.

MOLINA: — Bem, a propósito, não é meu tio o sujeito que faz psicanalista.



VALENTIN: — Qual é o ator?

MOLINA: — Não me lembro, muito magro para o meu gosto. Com um bigodinho safado. Mas a gente nota alguma coisa nele, não sei, que tem muita certeza de agradar às mulheres, e assim, mal aparece, causa um choque. E choca também Irena. Na vez seguinte ela não vai, mente pro marido e em vez de ir ao médico põe aquele casaco de pêlo preto e vai no jardim zoológico para olhar a pantera. Nisso aparece o zelador, e abre a porta da jaula, atira-lhe a carne e torna a fechar, mas distraído esquece a chave na fechadura. Irena se aproxima disfaradamente da fechadura. Põe a mão na chave, fica pensando, passam-se uns segundos.

VALENTIN: — O que é que ela vai fazer?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MOLINA: — É só, amanhã eu continuo.

VALENTIN: — Posso te perguntar pelo menos uma coisa?

MOLINA: — Manda lá.

VALENTIN: — Com quem você se identifica? com Irena ou com a arquiteta?

MOLINA: — Com Irena, tá na cara. Estou sempre com a heroína.

VALENTIN: — Continua.

MOLINA: — E você, Valentín, está com quem? Se estrepou, porque achas o rapaz um otário.

VALENTIN: — Pode caçar, é com o psicanalista. Mas chega de brincadeira, eu respeitei a tua escolha. ... Sabe de uma coisa? Estou custando a me concentrar.

MOLINA: — Mas o que é que há com você?

VALENTIN: — Nada.

MOLINA: — Vamos, te abre um pouco.

VALENTIN: — Quando você disse que a moça está diante da pantera, pensei que era minha companheira que estava em perigo.

MOLINA: — Eu te entendo.

VALENTIN: — Você deve imaginar, se ela é minha companheira, é porque também está na luta. Embora não devesse te falar, Molina.

MOLINA: — Não se preocupe.

VALENTIN: — É que não quero te dar informações, é melhor que você não fique com esse peso.

MOLINA: — Mas no meu caso não é uma mulher, quero dizer, uma garota: é minha mãe. Tem pressão alta e o coração falha um pouco.

VALENTIN: — Mas essas coisas podem durar, agüentar anos.

MOLINA: — Mas é preciso lhe evitar desgostos, Valentín. Imagina, a vergonha de ter um filho preso, e a razão disso.

VALENTIN: — O pior já passou, não é?

MOLINA: — Mas ela tem o perigo lá dentro, que é o coração fraco.

VALENTIN: — Ela está à tua espera, oito anos passam, e com a esperança de bom comportamento e tudo mais.

MOLINA: — (Com pouca naturalidade.) Fala mais da tua pequena,





se te dá vontade...

VALENTIN: — Daria qualquer coisa para poder abraçá-la.

MOLINA: — O dia há de chegar. Você não foi condenado à prisão perpétua.

VALENTIN: — É que pode acontecer alguma coisa com ela.

MOLINA: — Escreve pra ela, diz que não se arrisque, que você precisa dela.

VALENTIN: — Isso nunca. Se você pensar assim, não o vai conseguir mudar nada no mundo.

MOLINA: — (Zombando sem querer.) E você acha que vai mudar o mundo?

VALENTÍN: — Acho, e não importa que você cacoe... Dizer isto faz rir, mas o que tenho que fazer antes de mais nada... é mudar o mundo.

MOLINA: — Mas você não pode mudá-lo assim de repente, e sozinho.

VALENTIN: — É que eu não estou sozinho, é isso! Estou com ela e com todos aqueles que pensam como ela e eu. Esse é o fio da meada que às vezes me escapa. Não estou longe dos meus companheiros, estou com eles!, neste momento!... não o tem importância que não possa vê-los.

MOLINA: — (Com ceticismo e uma ponta de mofa.) Se é esse o jeito de você se conformar, ótimo.

VALENTIN: — Mas como você é idiota!

MOLINA: — Que palavras...

VALENTIN: — Então não seja irritante. Não sou um charlatão que fala de política no bar, a prova é que estou aqui,

não num bar!

MOLINA: — Desculpa.

VALENTIN: — Está bem...

MOLINA: — (Dissimuladamente inquisidor.) Você ia me falar alguma coisa... sobre sua companheira.

VALENTIN: — É melhor a gente esquecer isso.

MOLINA: — Como você quiser.

VALENTIN: — Embora não devesse me fazer mal falar nela.

MOLINA: — Se te faz mal, não...

VALENTIN: — A única coisa que é melhor não dizer é o seu nome.

MOLINA: — Que tipo de garota é ela?

VALENTIN: — Tem vinte e quatro anos, dois menos do que eu.

MOLINA: — Treze menos do que eu, mentira, dezessete a menos.

VALENTIN: — Sempre foi revolucionária. Primeiro começou pela... bem, não vou fazer cerimônia com você, começou pela revolução sexual.

MOLINA: — (Regozijando-se ante a proximidade de um comentário escandaloso.) Conta, por favor.

VALENTIN: — Ela é de família burguesa, gente não de muito dinheiro, mas que vive folgada. Mas em toda sua infância e juventude se encheu de ver os pais se destruírem um ao outro. Com o pai que enganava a sua mãe, você sabe o que quero dizer.

MOLINA: — Não, não sei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: — Enganava-a a do momento em que não lhe dizia que ore-

21
cisava de outras relações. E a mãe deu de bancar a vítima. Eu não acredito na monogamia.

MOLINA:— Mas como é bonito quando um casal se ama para o resto da vida.

VALENTIN:— Você gostaria disso?

MOLINA:— É meu sonho.

VALENTIN:— Então por que é que gosta de homem?

MOLINA:— Não tem nada a ver... Eu queria me casar com um homem para o resto da vida.

VALENTIN:— Então, no fundo você é um senhor burguês?

MOLINA:— Uma senhora burquesa.

VALENTIN:— Se você fosse mulher, não gostaria disso.

MOLINA:— A única coisa de que eu gostaria era viver ao lado de um homem maravilhoso para o resto da vida.

VALENTIN:— E como isso é impossível, porque se ele é homem há de gostar de uma mulher, bem, você nunca vai sair lo grado.

MOLINA:— Continua a história de tua companheira, não estou com vontade de falar de mim.

VALENTIN:— Foi criada para ser dona-de-casa. Aulas de piano, francês, de-emho... Amanhã eu continuo, Molina... Agora quero pensar, em alguma coisa que estudei hoje.

MOLINA:— Você é vingativo.

VALENTIN:— Não, seu boboca. Eu estou também cansado.



CENA IV

Noite, iluminação elétrica da penitenciária; Valentín está concentrado no estudo, Molina aborrecido folheia uma revista que já viu muitas vezes.

VALENTÍN: — (Levantando a cabeça do livro.) Por que demoram para trazer o jantar? Já trouxeram há uma porrada de tempo na cela do lado.

MOLINA: — (Irônico) Hoje você está estudando tão pouquinho? Eu não estou com fome, felizmente.

VALENTÍN: — Que coisa esquisita com você, Molina. Sente-se mal?

MOLINA: — Não, é nervoso.

VALENTÍN: — Ouça, acho que lá vêm eles.

MOLINA: — Tire as revistas daí, se as vêm vão roubá-las.

VALENTÍN: — Estou morto de fome.

MOLINA: — Por favor, Valentín, não vá fazer queixa para o guarda.

VALENTÍN: — Não... (Pela portinhola de grades passam dois pratos de polenta, um muito mais cheio que o outro.)

MOLINA: — ...

VALENTÍN: — ... (Com pouco entusiasmo.) Polenta...

MOLINA: — É ... (Olha os pratos, Valentín pegou ambos por entre as grades.)



VALENTÍN: — ...

MOLINA: — (Trocando um olhar estranho com o guarda invisível.)
Obrigado.

VALENTÍN: — (Para o guarda.) Mas, e este prato? Por que menos?
(Para Molina.) Não respondi nada por tua causa, senão acho
que atirava na cara dele esta merda de grude.

MOLINA: — De que adianta você se queixar...

VALENTÍN: — Um prato tem quase a metade do outro, esse guarda está
maluco, grande filho da puta.

MOLINA: — Valentín, eu fico com o prato pequeno. (Valentín deiva
o prato grande perto de Molina.)

VALENTÍN: — Não, se você sempre come polenta

MOLINA: — Peg a, não faça cerimônia.

VALENTÍN: — Te digo que não.

MOLINA: — Mas por que é que vou ficar com o prato grande?

VALENTÍN: — Porque sei que você gosta de polenta.

MOLINA: — Estou sem fome.

VALENTÍN: — Anda, que vai te fazer bem. (Começa a se servir do prato
pequeno.)

MOLINA: — Não.

VALENTÍN: — Olha, hoje não está tão ruim.

MOLINA: — Não quero.

VALENTÍN: — Está com medo de engordar?

MOLINA: — Não...

VALENTÍN: — Então come, Molina. Hoje está bem razoável a polenta
tipo grude. Pra mim o prato pequeno dá de sobra.

MOLINA: — (Começa a comer vendendo uma forte resistência, fala com funda saudade.) Quinta-feira, vespéral das moças. No meu bairro há anos atrás passavam três fitas de amor.



VALENTÍN:— Foi lá que você viu a pantera?

MOLINA: — Num cinema pequeno do bairro alemão de Buenos Aires, de casas lúxuosas com jardim. Minha casa fica perto, mas do lado mais rale. Todas as secundas-feiras passavam um programa alemão. Durante a guerra, e depois.

VALENTÍN:— Cinema de propaganda nazista.

MOLINA: — Mas tinham números musicais muito bonitos.

VALENTÍN:— Você está doido. (Já terminando o prato pequeno.) Já vão apagar a luz, não consigo estudar mais. (Autoritário inconscientemente.) Continue a contar o filme, na parte em que Irena tinha na mão a chave da jaula.

MOLINA: — (Enquanto continua laboriosamente mistudando a polenta com a colher.) Bem, Irena tira a chave da fechadura e a entrega ao zelador. O velho agradece. Irena volta para casa, espera o marido voltar, está muito a fim de beijá-lo, ná boca.

VALENTÍN:— (Com muito interesse.)
Sim...

MOLINA: — Irena telefona para o escritório, é tarde. A colega at ende. Irena desliga o aparelho. Está morta de ciúmes. Passeia pelo quarto como uma fera enjaulada, passa perto da gaiolinha e perceb e que o canário bate asas desesperado. Ela não resiste ao impulso e abre a gaiola e en-



fia a mão. O pássaro cai morto, como que fulminado, ao sentir a mão se aproximar. Irena sai correndo, à procura do marido. Mas para ir ao escritório passa inevitavelmente pelo bar da esquina e os vê. Quer despedaçar a outra. Irena está sempre vestida de negro, mas nunca mais vestiu aquela blusa de que ele tanto gostou, da cena do restaurante com muito strass?

VALENTÍN:— O que é isso?

MOLINA:— (Escandalizado.) Strass! Não acredito que você não saiba..

VALENTÍN:— Não sei o que é.

MOLINA:— E como os brilhantes, só que sem valor, pedacinhos de vidro que brilham. (Nesse momento se anega a luz da prisão.)

VALENTÍN:— Vou dormir agora cedo, acho. Eu estou me enchendo com tanta frivolidade.

MOLINA:— (Com reação desmedida, muito macoado.) Felizmente não tem luz e não vou ter que olhar pra tua cara. E não fala mais comigo!

VALENTÍN:— Desculpa.

MOLINA:— ...

VALENTÍN:— De verdade, me desculpa. Não nensei que você fosse se ofender desse jeito.

MOLINA:— Você me ofende porque gosto muito do filme, você não sabe... (Desata a chorar) porque não viu.

VALENTÍN:— Mas você está maluco, chorar por causa disso?

MOLINA:— Vou... vou chorar... se me der na veneta.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VALENTÍN: — Como quiser. Sinto muito.

MOLINA: — E não pensa que estou chorando por tua causa. E que hoje é o aniversário de mamãe, e estou morrendo de vontade de estar com ela ... E não com você.

VALENTÍN: — ...

MOLINA: — Ai... ai!... não estou me sentindo bem. (Secura o es-
tômago.)

VALENTÍN: — O que é?

MOLINA: — Ai... ai...

VALENTÍN: — O que é que há com você?

MOLINA: — Uma mulher tá fodida.

VALENTÍN: — Que mulher?

MOLINA: — Eu, seu pateta. Estou com dor de barriga.

VALENTÍN: — Quer vomitar?

MOLINA: — A dor é mais embaixo, nas tripas.

VALENTÍN: — Então, eu chamo o guarda.

MOLINA: — Não, Valentín, parece que já está passando.

VALENTÍN: — A mim a comida não fez mal.

MOLINA: — Devem ser os nervos. Hoje andei muito nervoso. Parece que já está melhorando um pouco...

VALENTÍN: — Procure se relaxar. O mais possível. Relaxe bem os braços e as pernas.

MOLINA: — Sim, parece que está passando um pouquinho.

VALENTÍN: — Você quer dormir?



MOLINA: — Não sei... Ui, que droga...

VALENTÍN: — Se você quiser conversar talvez seja bom, e não pensar na dor.

MOLINA: — Sobre o filme, você diz?

VALENTÍN: — Onde estávamos?

MOLINA: — Você tem medo que eu morra antes de lhe contar o final?

VALENTÍN: — Falo por tua causa. Paramos quando estavam no bar da esquina.

MOLINA: — Bem, o casal se levanta para sair, Irena se esconde atrás de uma árvore. A colega arquiteta pega um atalho direto para casa, cortando por um parque escuro. O rapaz no bar lhe contou tudo, que Irena não dorme com ele, sobre os pesadelos que ela tem com mulheres-pantera. E a colega já tinha se resignado a perdê-lo, mas agora não, está de novo esperancosa. A única coisa que se ouve são passos, atrás da colega. Ela se vira e vê uma silhueta de mulher. Ouve-se o toque-toque de sapato de mulher cada vez mais rápido. Bem, a colega começa a se alernar, porque você sabe como é, quando se falou de coisas de assustar... Mas está na metade do caminho, de modo que se ela dá uma de correr é pior ainda... e de repente não se ouvem mais pisadas humanas. Ai... ai... ainda dói um pouco.



Dia, Valentín deitado se debate com fortes dores na barriga, Molina de pé o fita.

VALENTÍN: — Você não imagina como dói, As pontadas são brutais.

MOLINA: — Senti a mesma coisa anteontem.

VALENTÍN: — Parece que dá cada vez mais forte, Molina.

MOLINA: — Você devia ir para a enfermaria.

VALENTÍN: — Não seja teimoso, já disse que não quero ir.

MOLINA: — Se te derem um pouquinho de seconal, mal não faz.

VALENTÍN: — Faz sim a gente se acostuma. Você não tá sabendo disso.

MOLINA: — O que é que eu não sei?

VALENTÍN: — Nada...

MOLINA: — Vamos, fala, deixa de bobagem.

VALENTÍN: — Aconteceu com um companheiro, criaram o hábito nele, tiraram-lhe a vontade. Um preso político nunca deve cair na enfermaria, ouviu, nunca. Depois interrogam a gente e aí já não temos resistência para nada. Ai, aiii... olha, são umas pontadas tão fortes como se estivessem me abrindo um buraco, ai!... na barriga.

MOLINA: Te disse para não devorar a comida daquele jeito.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTÍN: — (Levanta-se com dificuldade.) Você estava com a razão, agora estou estourando de tão cheio.

MOLINA: — Procure se estirar um pouco.

VALENTÍN: — Não quero dormir, tive pesadelos ontem à noite e de manhã.

MOLINA: — (Resignando-se, em tom de mãe de classe média.) Tinha jurado que não ia te contar mais filmes. Vou para o inferno por não cumprir a palavra.

VALENTÍN: — Ai! É foda...

MOLINA: — ...

VALENTÍN: — Conta, não tem importância que eu me queixe.

MOLINA: — Vou te contar outra fita, para dor de barriga. Você ficou com curiosidade pelas fitas alemãs, não é?

VALENTÍN: — Pelo sistema de propaganda, talvez. Mas não, crossiga com a pantera. Paramos quando a pantera não ouvia mais pisadas humanas no parque.

MOLINA: — Bem, aí ela começa a tremer de terror, não se atreve a se voltar com medo de ver a pantera, para um momento para ver se torna a ouvir o toque-toque do sapato de mulher, mas nada, silêncio total, de súbito ouve-se ali bem perto um murmúrio de muita mexida pelo vento... ou por outra coisa.

(Com um moviment o imitativo da ação narrada.) Ela se vira sobressaltada.

VALENTÍN: — De novo com vontade de ir ao banheiro.





MOLINA: — Chamo para abrirem a porta?

VALENTÍN: — Não, vou agüentar...

MOLINA: — Isso é pior.

VALENTÍN: — Vão perceber que eu não estou bem.

MOLINA: — Por uma diarréia não vão te enfiar na enfermaria.

VALENTÍN: — Vai passar, cont inue contando.

MOLINA: — (Repetindo o mesmo movimento.) Bem, ela se vira sobressaltada.

VALENTÍN: — Ai, ai... que dor...

MOLINA: — (Repentinamente...) Diga-me uma coisa: nunca me contou por que a sua mãe não traz comida para você.

VALENTÍN: — É uma mulher muito... difícil, por isso não falo nela. Nunca topou as minhas idéias, acha que merece tudo o que ela tem, sua família tem certa posição social.

MOLINA: — Sobrenome.

VALENTÍN: — De segunda categoria mas um sobrenome.

MOLINA: — Se você não lh e diz que ela pode te trazer comida para a semana inteira, faz muito mal.

VALENTÍN: — Estbu aqui porque eu procurei isso, ela não tem nada a ver com a história.

MOLINA: — Mamãe não vem porque está doente, sabe?

VALENTÍN: — Não me disseste nada.

MOLINA: — Pensa que vão lhe dar alta de um momento para outro, e enquanto isso me sacaneia porque não quer que ninguém ou não seja ela me traga comida.



VALENTÍN: - Se você pudesse sair daqui, ela ficaria cuca, não é?

MOLINA: - Você lê meu pensamento. Bem, prossiga: (Repetindo o mesmo movimento das últimas duas vezes) ela se vira sobre saltada.

VALENTÍN: - Ai... ai... desculpa... o que foi que eu fiz...

MOLINA: - Não, espera, não limpa com o lençol, espera...

VALENTÍN: - Não, deixa; tua camisa não...

MOLINA: - Sim, pega, limpe-se, que você vai precisar do lençol para se agasalhar.

VALENTÍN: - Você fica sem camisa para trocar.

MOLINA: - Anda, espera, levanta, assim não passa, assim, com cuidado, espera, não vá me passar para o lençol.

VALENTÍN: - Que vergonha me dá...

MOLINA: - Isso mesmo, devagarinho, com cuidado... ótimo. Agora a parte mais grossa, limpa com a camisa.

VALENTÍN: - Que vergonha...

MOLINA: - Você não dizia que é preciso ser homem... que história é essa de sentir vergonha?

VALENTÍN: - Embrulha direito... a cueca, Molina, para não soltar cheiro.

MOLINA: - Eu sei fazer as coisas. Está vendo, assim, tudo bem embrulhado na camisa, que é mais fácil de lavar do que o lençol. Pega papel higiênico.

VALENTÍN: - Do teu não, não vai sobrar nada para você.

MOLINA: - Você nunca teve papel higiênico, anda, não enche.

VALENTÍN: — Obrigado. (Pena o pedaço de papel e se limpa, deve-
ve-o a Molina.)

MOLINA: — Nada de obrigado, relava um pouco, que você está tremendo.

VALENTÍN: — É a raiva, uma puta raiva que me dá vontade de chingar, bronca de mim mesmo por ter deixado me agarrarem.

MOLINA: — Relava, faz um esforço ...

VALENTÍN: — (Vendo que Molina embrulha a camisa e o papel higiênico em papel de jornal.) Ah... assim o ch eiro não vai passar.

MOLINA: — Boa idéia, não é?

VALENTÍN: — Estou congelado.

MOLINA: — (Enquanto acende o fogareiro e coloca água para esquentar
Faco um chá pra você agora mesmo. Que é a única coisa
que sobrou, o último saquinho ^{de} chá de camomila, para acalmar os nervos.

VALENTÍN: — Não, deixa, já está passando.

MOLINA: — Está maluco.

VALENTÍN: — Mas assim você acaba com os seus mantimentos, você é que está maluco.

MOLINA: — Não, já me trouxeram outros.

VALENTÍN: — Tua mãe está doente e não pode vir.

MOLINA: — Continuo contando. (sem jeito para repetir uma quinta vez os mesmos gestos, ironicamente) Ela se vira sobresaltada. O murmúrio se aproxima, a colega arquiteta solta um grito de desespero, quando... puac! abre-se a porta d



um ônibus. O chofer viu a moça ali parada e abriu a porta...
O chá já está quase pronto. Põe a água quente.

VALENTÍN:—Obrigado. Não sabe como te agradeço. E te peço perdão...
porque às vezes sou muito ríspido... e firo as pessoas sem
razão.

MOLINA:— Que bobagem é essa? (Preparando o chá.)

VALENTÍN:—Em vez de um filme vou te contar uma coisa real. Menti
pra você quando falei de minha companheira. Eu falei foi
de outra, de quem eu gostei muito. De minha verdadeira com-
panheira não te disse a verdade, e você se daria muito bem
com ela, porque é uma garota muito legal e muito simples,
mas valente à beça. (Pega o chá que Molina lhe estende.)

MOLINA:— Não me conte nada por favor. Não quero saber nada de teus
assuntos políticos.

VALENTÍN:—Não seja bobo. Quem vai fazer perguntas a você, sobre
minhas coisas?

MOLINA:— Podem me interrogar.

VALENTÍN:—(Acabando o chá, que parece lhe cair bem.) Você confia em
mim, não é mesmo?

MOLINA:— Confio...

VALENTÍN:—Então? Aqui tudo tem que ser de igual para igual.

MOLINA:— Não é isso...

VALENTÍN:—(Tornando a colocar a cabeça no travesseiro, começando a
se relaxar.) Não há nada pior do que a gente se arrepender
de ter feito mal a alguém. E eu fiz mal a essa garota,
fiz com que entrasse no movimento sem que estivesse preparado
ela é muito... simples.



MOLINA: — Mas agora não me conte nada. Conto eu. Quando foi que a gente tinha parado? Onde estávamos? (Deivando de ouvir a resposta, Molina olha para Valentín, este adormeceu) como é que continuava?... (Molina se sente satisfeito de ter ajudado seu companheiro.)

CENA VI



Luz correspondente ao dia. Molina e Valentín estão deitados em suas camas, cada um envolto em sua própria espécie de melancolia; ouve-se uma música distante de bolero.

MOLINA: — (Cantarolando.) "Querido, vuelvo otra vez a conversar contigo... La noche, trae un silencio que me invita a hablarte... Y pienso, si tu también estarás recordando, cariño... los sueños tristes de este amor extraño..."

VALENTÍN: — Que é isso?

MOLINA: — Um bolero, Mi carta.

VALENTÍN: — Só mesmo da tua cabeça.

MOLINA: — Que é que tem de ruim?

VALENTÍN: — Romantismo danado de babaca, você está doido.

MOLINA: — Desculpa se fui inoportuno.

VALENTÍN: — Por quê?

MOLINA: — Você recebeu uma carta e ficou tão enfiado, e eu aqui cantando e cantando sobre cartas tristes.

VALENTÍN: — Eram más notícias. Você pode ter a carta se quiser.

MOLINA: — Não, é melhor não.

VALENTÍN: — Não começa com a mesma história de ontem à noite, não vão te perguntar nada. Além disso eles já a abriram antes de mim. (Desdobra a carta e lê enquanto continua falando.)

MOLINA:— A letra são uns garranchos.

VALENTÍN:—Ela não teve muita instrução ... Morreu um companheiro de luta, me diz tudo em código. Agora ela é que ficou à frente do grupo.

MOLINA:— Ah...

VALENTÍN:—E também conta que tem relações com outro companheiro, como eu mesmo aconselhei.

MOLINA:— Que relações?

VALENTÍN:—Ela estava sentindo demais a minha falta, e nós fizemos um pacto de não nos afeiçoarmos demais a ninguém, porque isso depois te paralisa quando você deve atuar.

MOLINA:— Atuar de que forma?

VALENTÍN:—Atuar. Arroscar a vida ... Não podemos ficar pensando em que alguém gosta da gente porque nos quer vivos, isso dá medo da morte, bem, não é medo, mas te dá pena que alguém esteja sofrendo por causa de tua morte. Por isso é que ela tem agora relações com outro companheiro.

MOLINA:— Você falou que sua companheira não era como você me disse

VALENTÍN:—Que merda, só de ler a carta já fiquei tonto de novo.

MOLINA:— Você está muito fraco.

VALENTÍN:—Sinto um pouco de náuseas, e frio. (Cobre-se com a manta.)

MOLINA:— Te falei pra não comer.

VALENTÍN:—Estava com uma fome braba. (Molina ajuda Valéntín a se agasalhar bem.)

MOLINA:— Ontem você estava melhor, foi comer e se fodeu, e hoje de novo. Promete que amanhã não vai hem beliscar.



VALENTÍN:—, Aquela garota de quem te falei, de família burguesa, entrou comigo para o movimento, mas chegou uma hora em que ela caiu fora, e fez todo o possível para que eu também caísse fora.



MOLINA: — Por quê?

VALENTÍN:— Era apegada demais à vida e era feliz comigo, e isso lhe bastava. Tivemos que nos separar.

MOLINA: — Porque se amavam demais?

VALENTÍN:— Isso também soa a bolero, Molina.

MOLINA: — A verdade é que você riu do bolero porque tinha muito a ver contigo, e riu... para não chorar. Como diz outro bolero, ou um tango.

VALENTÍN:— Morei um tempo escondido no mesmo apartamento que aquele coitado que mataram, com a mulher dele e o garotinho. Eu mais de uma vez limpei o cocô do guri... E você não sabe do pior, é que não posso escrever para nenhum deles, porque qualquer coisa seria... entregá-los.

MOLINA: — Também para tua companheira?

VALENTÍN:— (Contendo o choro com dificuldade.) Ah, meu velho, como é triste...

MOLINA: — Que se há de fazer.

VALENTÍN:— Me... ajuda a tirar o braço... do... do cobertor...

MOLINA: — Para quê?

VALENTÍN:— Me... dá a mão. Força, Molina...

MOLINA: — Aperta bem.

VALENTÍN: — Tem mais uma coisa que me chateia à beça. É uma coisa muito chata, muito baixa.

MOLINA: — Conta, desabafa.

VALENTÍN: — É que aquela de quem eu queria .. receber carta, neste momento, quem eu queria que estivesse bem perto, e abraçar... não é minha companheira, mas sim a outra... Marta é o seu nome...

MOLINA: — Se é isso o que você sente... Ah, me esqueci de uma coisa, se você tem muito vazio no estômago, tinha esquecido por aí umas bolachas, são digestivas. (Sem soltar a mão de Valentín alcança o pacote de bolachas.)

VALENTÍN: — (sem escutar.) Eu falo muito mas no fundo... do que eu continuo gostando é de outro tipo de mulher, sou como todos os reacionários filhos da puta que mataram meu companheiro... Sou como eles, igualzinho.

MOLINA: — Não é verdade.

VALENTÍN: — E acho até que não gosto de Marta, não pelo que ela é, mas porque tem... classe, como dizem todos os classistas filhos da puta... deste mundo.

VOZ DO GUARDA: — Luis Alberto Molina! Visita no locutório.

A porta da cela se abre, Molina sai, não sem antes colocar o pacote de bolachas rapidamente sob o cobertor de Valentín. Em seguida ouve-se uma conversa, gravada como também foi a Voz do Guarda, enquanto em cena fica Valentín, que tira o pacote de bolachas de sob



O coheitor, descobre apenas três no fundo do comprido invólucro e começa a comê-las, muito devagar, saboreando-as.

VOZ DO DIRETOR:— Não precisa tremer assim, homem, não vai acontecer nada.

VOZ DE MOLINA:— Andei ruim dos intestinos, sr. Diretor, mas já estou bem.

VOZ DO DIRETOR:— Não há nada a recear. Fizemos constar que você tinha visita hoje. O outro não vai desconfiar de nada.

VOZ DE MOLINA:— Não, ele não desconfia de nada.

VOZ DO DIRETOR:— Ontem à noite o teu protetor tentou em minha casa e tem boas notícias para você, tua mãe está bem melhor, desde que se falou de uma possibilidade de indulto.

VOZ DE MOLINA:— É mesmo?

VOZ DO DIRETOR:— O que é isso? Por que está tremendo assim?... deve se alegrar, homem... E então, já tem algum dado para nós? Já lhe contou alguma coisa, está se abrindo com você?

VOZ DE MOLINA:— Não, sr. Diretor, nada ainda. É preciso fazer estas coisas com muita cautela.

VOZ DO DIRETOR:— Ajudou ou não que a gente o enfraquecesse, pelo lado físico?

VOZ DE MOLINA:— O primeiro prato que veio preparado tive que comer eu mesmo.

VOZ DO DIRETOR:— Fez muito mal.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VOZ DE MOLINA: — É que ele não gosta de polenta e como um prato veio mais cheia que o outro... ele insistiu em que comesse o maior e seria suspeito que eu me negasse. O senhor tinha falado que o preparado vinha no prato de lata mais novo, mas se enganaram enchendo-o mais.

VOZ DO DIRETOR:— Ah!, muito bem, meus parabéns. Desculpe o engano.

VOZ DE MOLINA:— Acho que agora seria uma boa conviria deixá-lo recobrar as forças.

VOZ DO DIRETOR:— (Irritado.) Deixe isso por nossa conta. Contamos com os peritos necessários. E quando voltar à sua cela diga que sua mãe esteve aqui, e assim você justifica sua eu foria.

VOZ DE MOLINA:— Não, impossível, ela vem, sempre com um embrulho de comida.

VOZ DO DIRETOR:— Deix e-me ver, mandaremos buscar comestíveis para você. Assim também reparamos o seu sacrifício com o prato de polenta. Pobre Molina!

VOZ DE MOLINA:— Obrigado, sr. Diretor.

VOZ DO DIRETOR:— Dite logo o que sua mãe poderia trazer.

VOZ DE MOLINA:— Eu para o senhor?

VOZ DO DIRETOR:— Sim, e rápido, que tenho muito o que fazer.

VOZ DE MOLINA:— (Vai caindo lentamente o pano.) Doce de leite, nêsegos ao natural... dois franqos assados... um navote grande de açúcar, dois pacotes de chá, um de chá preto, outro de camomila. Leite em pó, sabão

de lavar roupa, uma barra grande... e deive-me pensar um nouquinho, porque me deu um branco na cabeça...





Segundo ato



CENA VII

A mesma luz da cena anterior, abre-se a porta da cela e entra Molina com uma saca de compras de supermercado.

MOLINA: — Olha que estou trazendo !!

VALENTÍN: — Não !... tua mãe veio...

MOLINA: — Veio !!!

VALENTÍN: — Então ela vai bem...

MOLINA: — Um pouco melhor... E olha o que me trouxe. Desculpa, o que nos trouxe.

VALENTÍN: — (Intimamente deleitado.) E para você, não chateia, cara.

MOLINA: — Cala a boca, bofe. E os frangos são para você, assim vai ^{lige} ficar bom.

VALENTÍN: — Nunca permitiria isso.

MOLINA: — Prefiro não comer frango mas salvar-me desses teus cheiros... Não, estou falando sério, você tem que deixar de comer a porra da comida daqui. Experimenta ao menos dois dias.

VALENTÍN: — Você acha?

MOLINA: — E quando já estiver bom... fecha os olhos. (Valentín fecha os olhos e Molina coloca uma lata grande em sua mão.) Adivinha...

VALENTÍN: — (Gosta da brincadeira.)

Que sei eu... (Coloca outra igual na outra mão dele.)

MOLINA; — Pelo peso você percebe...

VALENTIN:—Pesadinhas... Desisto..

MOLINA: — Abra os olhos.

VALENTIN:—Doce de leite!

MOLINA: — Mas para isso é preciso esperar, uma vez que esteja te sentindo bem, e isto sim vamos comer nos dois.

VALENTIN:—Fantástico.

MOLINA: — Primeiro... um chá de camomila, que eu estou morrendo de nervoso, e você come uma perninha de frango, ou não, são só cinco horas... É melhor um chá comigo e umas bolachas novas, mais digestivas ainda que as outras.

VALENTIN:— Por favor, você não me daria uma já?

MOLINA: — Bem, uma e com doce e tudo, mas de laranja! Felizmente me trouxeram tudo mais fácil de digerir, de modo que você pode deitar e rolar, menos no doce de leite, por enquanto.

VALENTIN:— Sinto uma fraqueza de matar, você não me daria a perna, já?

MOLINA:— (Du vida por um instante.) Pegue...

VALENTIN:— (Avança para comê-la.) Na verdade eu já estava me sentindo mal. Obrigado... (Devora-a.)

MOLINA: — Por nada...

VALENTIN:— (Com a boca cheia.) Mas para que o programa fosse completo faltava alguma coisa.

MOLINA: — Ei, supõe-se que aqui o degenerado sou eu.





VALENTIN: — Não sacaneia. Falta um filme...

MOLINA: — Ah... (Comerando a ajeitar os comestivos) Bem, agora vem uma cena em que Irena tem um penteado completamente diferente.

VALENTIN: — Escuta, não me sinto bem, outra vez a tonteira.

MOLINA: — Tem certeza?

VALENTIN: — Tenho uns ameaços, a mesma coisa de sempre.

MOLINA: — Mas a perna do frango não pode ter feito mal. Deve ser um pouco de sugestão.

VALENTIN: — Me senti cheio, de repente.

MOLINA: — Eu vi que você comeu de gulodice, depressa demais, quase sem mastigar.

VALENTIN: — E a coceira está me matando. Faz quatro dias que não tomo banhos.

MOLINA: — E que isso não passe pela tua cabeça. Com a água gelada e a tua franquia. Bem, então ela está sensacional, refletida na vidraça de uma janela todo molhada da garoa, com esse cabelo retinto todo para cima, um penteado alto, deixa eu te explicar...

VALENTIN: — (Nervoso.) Todo Para cima, já sei, chega de detalhes sem importância.

MOLINA: — O quê?! Como enfeite traz uma flor de strass nos cabelos.

VALENTIN: — (Muito nervoso com sua coceira do corpo.) Strass eu já sei o que é, você não tem que me explicar!

MOLINA: — Como você está nervoso!

VALENTIN: — Desculpa se eu te digo uma coisa?



MOLINA: — Fale.

VALENTIN: — Sinto-me muito fodido... e confuso. Se não te incomodar, gostaria de te ditar uma carta para ela. Fico tonto se fixo o olhar.

MOLINA: — Deixe eu apanhar o lápis.

VALENTIN: — Você é muito legal comigo.

MOLINA: — Fazemos o rascunho em qualquer papel.

VALENTIN: — Pega a caneta.

MOLINA: — Espera, que vou fazer a ponta no lápis.

VALENTIN: — (Muito nervoso.) Pega minha caneta, estou dizendo!

MOLINA: — Bem, não te amofines.

VALENTIN: — Desculpe, vejo tudo preto.

MOLINA: — Bem, dita.

VALENTIN: — (Com profunda dor.) Querida... Marta: você vai estranhar... receber esta carta. Isso não vai te comprometer. Sinto-me sozinho, preciso de você, quero... estar perto de você, quero que me diga... uma palavra de alento.

MOLINA: — ..."de alento"...

VALENTIN: — ... porque neste momento não poderia me apresentar diante de meus companheiros, ficaria com vergonha de estar tão fraco... Estou cheio de chagas por dentro, preciso que alguém passe um pouco de mel... mas minhas feridas... E só você vai me compreender... porque você também foi criada em casa limpa e confortável para gozar a vida, e eu não me conformo em ser mártir, Marta, tenho raiva de ser mártir... ou já sei, agora vejo mais claro... tenho medo

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

porque estou doente... um medo terrível de morrer... e que tudo fique aí, que minha vida tenha sido reduzida a este pouquinho, porque acho que não mereço isso, eu nunca explorei ninguém... e lutei, do momento em que tive um pouco de discernimento... contra a exploração de meus semelhantes...

MOLINA: — Tá, continua.

VALENTIN: — Onde parei?

MOLINA: — ... "a exploração de meus semelhantes"...

VALENTIN: — ... porque quero sair algum dia à rua, e não morrer. E às vezes me passa pela cabeça que nunca, nunca mais vou tocar numa mulher, e não posso me conformar, e quando penso nas mulheres... não vejo na minha imaginação senão você, e que alívio seria acreditar que neste momento, daqui até eu terminar esta carta, você vai pensar em mim... e vou passar a mão por esse corpo de que em me lembro tão bem...

MOLINA: — Espera, não vá tão depressa.

VALENTIN: — ... por esse corpo de que eu me lembro tão bem, e vai pensar que é minha mão... porque seria como se eu mesmo te tocasse, meu amor... porque ficou algo meu dentro de você, não é?, como ficou também dentro do meu nariz teu perfumezinho... e debaixo da ponta dos dedos tenho a sensação de tua pele... como que memorizada, me entende? Embora não se trate de entender... trata-se de acreditar, e às vezes estou convencido de que levei comigo algo teu... e que não o perdi, e às vezes não, sinto que não estou nesta cela senão eu sozinho...



MOLINA: — (Sem demonstrar a Valentín sua profunda mortificação di-
ante destas palavras.) Tá... "senão eu sozinho continue."

VALENTIN:— ... e quernada deixa marcas, e que a sorte de ter sido
 tão feliz junto de você, de ter passado aquelas noites,
 e tardes, e manhãs de puro prazer, agora não me serve para
 nada, ao contrário, todo isso se volta contra mim... por-
 que sinto tua falta como um louco, e a única coisa que
 fica é a tortura da minha solidão, e só tenho no nariz o
 cheiro fétido desta cela, e de mim mesmo... que não posso
 tomar banho porque estou doente, fraquíssimo, e a água
 fria pode me causar uma pneumonia, e debaixo da ponta dos
 dedos o que sinto é o frio do medo da morte, já sinto es-
 se frio nos ossos... Como é terrível perder a esperança,
 e foi isso o que aconteceu comigo...

MOLINA: — Desculpa eu te interromper...

VALENTIN:— O que é?

MOLINA: — Quando acabar de ditar lembra que eu quero te dizer uma
 - coisa.

VALENTIN:— (Muito agitado.) Que coisa?

MOLINA: — Porque se entrar no chuveiro gelado você morre.

VALENTIN:— (A beira da histeria.) E daí? fala de uma vez, porra!

MOLINA: — Que eu podia ajudar a lavá-lo. Olha, já temos água quente
 que ia cozinhar batatas, e tem duas toalhas, ensaboamos
 uma e você passa na frente e eu passo nas costas e com a
 outra toalha úmida você tira o sabão.

VALENTIN:— E assim não iria sentir mais coceira no corpo?

MOLINA: — Claro! Vamos aos pouquinhos, assim você não se resfria.



VALENTIN: — 'Você me ajuda mesmo?

MOLINA: — Mas é claro, rapaz.

VALENTIN: — E quando?

MOLINA: — Agora mesmo. A água já está fervendo, vamos misturá-la com água fria. (Molina começa a operação.)

VALENTIN: — (Sem poder acreditar em tanta felicidade.) E depois eu poderia dormir sossegado, sem nenhuma coceira?

MOLINA: — Tire a camisa. Enquanto esquentamos mais água. (Molina mistura as águas.)

VALENTIN: — Mas o querosene é teu, e gasta.

MOLINA: — Não tem importância.

VALENTIN: — Me dá a carta, Molina.

MOLINA: — Pra quê?

VALENTIN: — Me dá, estou dizendo.

MOLINA: — Toma.

VALENTIN: — ... (Rasga a carta.)

MOLINA: — O que é que você está fazendo?

VALENTIN: — Isto. (Valentín rasga-a em quatro.) Não se fala mais no assunto.

MOLINA: — Como quiser...

VALENTIN: — É errado se deixar levar pelo desespero...

MOLINA: — Mas é certo desabafar. Você me dizia isso.

VALENTIN: — Mas a mim me faz mal. Eu tenho que agüentar.

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Escuta, estou te falando sério, se algum dia ^{alguém} te demonstrarei minha gratidão. (Molina coloca mais água para esquentar.) Vai gastar tanta água?

MOLINA: — Vou, ... e não seja tolo, não há nada que agradecer. (Molina faz sinal para esta se virar, Valentín obedece.)

VALENTIN: — Me diga uma coisa, como é que termina o filme? Só o final.

MOLINA: — (Começando a lavar as costas de Valentín.) Nada disso, ou tudo ou nada.

VALENTIN: — Por quê?

MOLINA: — Por causa dos detalhes. O penteado alto tem muita importância, e as mulheres usam ele, ou usavam, quando queriam dar a impressão de que esse era um momento importante para elas, porque o penteado alto, que deixava a nuca a descoberto, dava nobreza ao rosto da mulher. (Valentín, apesar do esgotamento desse dia difícil, assume uma expressão de rosto divertida, sorri.) Por que esse sorriso maroto? (Sem ironia.) Falo sério.

VALENTIN: — E que as costas não estão me cocando mais.



CENA VIII

Dia, Molina está arrumando suas coisas sem fazer barulho para não acordar Valentin, este acorda de uma maneira ou de outra, há mais energia nos dois, o diálogo começa num ritmo normal mas logo se torna tenso e acelerado.

VALENTIN: — Bom dia...

MOLINA: — Bom dia...

VALENTIN: — Que horas são?

MOLINA: — Dez e dez. As vezes eu chamo minha mãe, coitada, de dez e dez, porque ela anda com os pés para fora.

VALENTIN: — Como está tarde.

MOLINA: — Quando abriram para trazer o mate você se virou na cama e continuou dormindo.

VALENTIN: — O que foi que você disse de sua velha?

MOLINA: — Você ainda está ferrado no sono. Nada, então dormiu bem?

VALENTIN: — Sinto-me bastante melhor.

MOLINA: — Não tem tonteira?

VALENTIN: — Sentado na cama não.

MOLINA: — Fantástico, por que não experimenta andar?

VALENTIN: — Não, porque você vai rir. Está acontecendo uma coisa comigo.

MOLINA: — O quê?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: — Uma coisa que acontece com um homem sadio, quando acorda de manhã e tem excesso de energia.

MOLINA: — Tá duro?, maravilha...

VALENTIN: — Olha para o outro lado, fico sem jeito... Levanta-se para lavar o rosto com a água da garrafa.

MOLINA: — Está bem, fecho os olhos. (Fecha os olhos e olha para o outro lado.)

VALENTIN: — Foi graças a tua comida. Estou de perna bamba, mas nada de tonteira. Já pode olhar. (Volta a se deitar.)
Fico um pouco mais deitado.

MOLINA: — (Superprotetor e senhor da situação.) Esquento água para um chá.

VALENTIN: — Não, esquento o mate e pronto.

MOLINA: — (Muito seguro de si.) Joguei fora quando fui ao banheiro, se você quiser sarar tem que beber coisas boas.

VALENTIN: — Fico com vergonha de gastar o teu chá, e tudo o mais. Agora já estou legal.

MOLINA: — Cala essa boca.

VALENTIN: — Escuta uma coisa...

MOLINA: — (Interrompendo-o.) Escuta nada, rapaz, agora mamãe começa a trazer coisas de novo.

VALENTIN: — Está bem, obrigado, mas só hoje. (Pega os livros.)

MOLINA: — E nada de leitura, descanso! Enquanto se faz o chá, começo a te contar outro filme.

VALENTIN: — Mas é melhor tratar de estudar, quero ver se consigo, já que estou bem. (Valentín se põe a ler.)

MOLINA: — Não será muito esforço?





VALENTIN: — Vamos ver.

MOLINA: — Como você é fanático.

VALENTIN: — (Atirando o livro no chão, em sinal de crescente nervosismo.) Não tem jeito... as letras dançam.

MOLINA: — Eu te disse, você está com tonteira?

VALENTIN: — Não, só quando leio.

MOLINA: — Sabe o que é? a fraqueza pela manhã, ela passaria se você aceitasse um pouquinho de presunto com pão.

VALENTIN: — Acha?

MOLINA: — E mais tarde, depois de almoçar, você tira uma sestinha e vai poder estudar, com certeza.

VALENTIN: — Estou com uma preguiça danada, tenho vontade de deitar de novo.

MOLINA: — (Como uma professora primária.) Não, a cama debilita, você deve ficar em pé ou pelo menos sentado. (Molina passa o chá para Valentín.)

VALENTIN: — É o último dia que eu aceito isto.

MOLINA: — (Como mãe superprotetora, senhora da situação.) Arre!, já falei para o guarda que não trouvesse mais o mate da manhã.

VALENTIN: — Olha, reserve o que quiser para você, mas eu quero que me tragam o mate, mesmo que seja mijo.

MOLINA: — Você não entende de dietas.

VALENTIN: — (Tentando se controlar.) Realmente, velho, não gosto que mandem em minha vida.

MOLINA: — (Contando com os dedos.) Hoje é quarta-feira... na segunda é importante o que o advogado disser. Não acredito em apelações e em coisas do gênero, mas se houver um bom pistolão, como me prometeram, então sem, tenho esperanças.

VALENTIN: — Tomara.

MOLINA: — (Com velado maquiavelismo, enquanto prepara outra xícara de chá.) Se eu soubesse... sabe-se lá quem eles vão pôr como teu companheiro.

VALENTIN: — Não tomou o café da manhã, Molina?

MOLINA: — Não, porque não queria fazer barulho, para que você dormisse. (Apanha a xícara de Valentín para enchê-la de novo.) E agora você me faz companhia com uma segunda xícara.

VALENTIN: — Nada disso.

MOLINA: — (Abre um embrulho novo, sem deixar Valentín ver.) Conte-me o que vai estudar depois da sesta.

VALENTIN: — O que está preparando?

MOLINA: — Surpresa. Conte-me o que você vai ler.

VALENTIN: — Sem essa...

MOLINA: — Puxa, como você está pouco comunicativo. E agora... abrimos o embrulhinho secreto... que estava escondido... com uma coisa muito gostosa... para acompanhar o chá... bolo inglês!

VALENTIN: — Não, obrigado...

MOLINA: — Como não... logo, logo vai ferver a água para a segunda



xicara. Ah... já sei! você quer ir no banheiro, então pega para abrirem já a porta e volte voando!

VALENTIN: — Não me digas o que tenho que fazer, por favor.

MOLINA: — Mas, nego, deixa eu te (pega o queixo dele de brincadeira) mimar um pouco.

VALENTIN: — Já chega!... porra!!!

MOLINA: — Está louco, qual é?

VALENTIN: — (Atira a xícara e o bolo inglês contra o fogareiro violentamente.) Cala a boca!

MOLINA: — O bolo inglês...

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Olha o que você fez... (Começa a apanhar as coisas do chão.)

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Se ficarmos sem fogareiro estamos fritos. E o pires...

VALENTIN: — ...

MOLINA: — E o chá...

VALENTIN: — Desculpe...

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Perdi o controle. Sério, peço-lhe perdão.

MOLINA: — ...

VALENTIN: — O fogareiro não queimou. Mas derramou todo o conteúdo.

MOLINA: — ...



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: — Molina, desculpa o estouro. (Molina senta-se em sua cama, de cabeça baixa.)

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Me desculpa, eu te peço de verdade.

MOLINA: — (Profundamente magoado) Não há nada que desculpar.

VALENTIN: — É, quando eu estava doente se não fosse você quem sabe aonde teria ido parar.

MOLINA: — Não há nada que agradecer.

VALENTIN: — Tenho, e muito.

MOLINA: — Esquece, não houve nada.

VALENTIN: — Houve sim, e estou morrendo de vergonha.

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Sou um animal... Olha, Molina, agora chamo o guarda e aproveito para encher o garrafão, que estamos quase sem água. Olha para mim, por favor, levante a cabeça.

MOLINA: — ...

VOZ DO GUARDA:— Luis Alberto Molina, visita no locutório.

A porta se abre e Molina sai, ouve-se o seu diálogo gravado com o Diretor desde o momento mesmo em que Molina se aproxima de porta; Molina volta com mantimentos e encontra Valentín procurando arrumar as coisas que atirou no chão momentos antes; Molina começa a tirar da saca os mantimentos novos; o diálogo gravado se desenvolve durante toda essa ação.

VOZ DO DIRETOR: — Já é segunda-feira, Molina, quais são as novidades?

VOZ de molina: — Não muitas infelizmente, sr. Diretor.

VOZ DO DIRETOR: — Hã hã.

VOZ DE MOLINA: — Mas cada vez vou criando mais intimidade.

VOZ DO DIRETOR: — O chato é que estão me pressionando muito, lá da Presidência, da Presidência da República. Querem voltar a interrogar o sujeito, e duro. Você me entende.

VOZ DE MOLINA: — Isso não, senhor. Pior seria se ele ficasse no interrogatório.

VOZ DO DIRETOR: — E, eu falo para eles, mas não os convenco.

VOZ DE MOLINA: — Me dê mais uma semana, senhor, por favor... E me passou uma idéia pela cabeça.

VOZ DO DIRETOR: — Qual?

VOZ de molina: — Ele é muito duro, mas tem seu lado sentimental.

VOZ DO DIRETOR: — Sim ...

VOZ DE MOLINA: — Então... se chega um guarda e diz que daqui a uma semana... vão me trocar de cela, porque passei para outra categoria, por causa da história do indulto, ele vai amolecer mais.

VOZ DO DIRETOR: — Fale claro.

VOZ DE MOLINA: — Bem, nada, juro. É só um palpite, se ele pensar que eu vou embora, vai ter mais necessidade de desabafar comigo. Os presos são assim, senhor... quando um companheiro vai embora sentem-se mais





desamparados que nunca.

Chegado este momento, Molina já entrou de volta à cela, vai tirando os mantimentos da saca conforme os vai enumerando a voz do Diretor, Valentín fita Molina.

VOZ DO DIRETOR: — Suboficial, tome nota: dois frangos assados, quatro macas assadas, um copo de salaça russa, 300 gramas de presunto cru, 300 gramas de presunto cozido, quatro pães franceses, quatro pedacos grandes de fruta cristalizada (a voz gravada vai se apagando), um vidro de doce de laranja, dois bolos ingleses...

MOLINA: — (Com muita calma e grande tristeza ao mesmo tempo, está muito magoado por causa do acesso de Valentín.) Este é o presunto cru, e este o cozido. Vou fazer um sanduíche para aproveitar o pão fresco. Você faz o que quiser.

VALENTIN: — (Com profunda vergonha.) Obrigado.

MOLINA: — (Com calma e distância.) Só vou preparar para mim este pãozinho partido no meio, com um pouquinho de manteiga e presunto cozido. E uma maca assada.

VALENTIN: — Que bom.

MOLINA: — Se você quiser um dos frangos e aproveitar enquanto estiver quentinho, é só pegar. Com toda liberdade.

VALENTIN: — Obrigado, Molina.

MOLINA: — Cada qual prepara para si o que quiser, assim eu não te encho saco.



VALENTIN: — Como você preferir.

MOLINA: — E também tem fruta cristalizada. Só lhe peço para deixar pra mim o pedaço de abobora cristalizada.

VALENTIN: — (Com dificuldade para se desculpar.) Ainda sinto vergonha... do acesso que tive.

MOLINA: — Que tolo...

VALENTIN: — Se eu ficava nervoso por você ser... generoso comigo... é porque não queria me ver obrigado... a ser igual com você.

MOLINA: — Olha, eu também estive pensando e me lembrei de coisas que você disse, Valentín,... que quando vocês estão numa luta como essa... não acham conveniente, bem, afeiçoar-se a ninguém. Bem, afeiçoar-se é muito forte, ou isso mesmo, afeiçoar-se como amigo.

VALENTIN: — Uma interpretação generosa da tua parte.

MOLINA: — Viu como às vezes eu entendo o que você fala.

VALENTIN: — Mas somos tão pressionados pelo mundo de fora, que não podemos agir humanamente nem um só minuto? é possível que o inimigo que está lá fora... tenha esse poder?

MOLINA: — Não entendo você direito.

VALENTIN: — Fora da cadeia estão nossos opressores, mas dentro não. A única coisa que existe de perturbador para minha mente... cansada, ou condicionada, é que alguém queira me tratar bem, sem pedir nada em troca.

MOLINA: — Bem... não sei...



VALENTIN: — Como é que você não sabe?

MOLINA: — Não pense em nada estranho, mas se eu te tratar bem, é porque quero ganhar tua amizade, e por que não dizer... teu carinho. Do mesmo modo que trato bem minha mãe, porqu e é uma pessoa boa, e quero que ela goste de mim. E você também é uma pessoa boa, desin^{teressada}, que arriscou a vida por um ideal que não entendo mas que é desinteressado... E para de olhar para outro lado, você está encabulado?

VALENTIN: — Um pouco. (Olha agora de frente para Molina.)

MOLINA: — E por isso... te respeito, e te tenho afeto, e quero que você também me tenha afeto... porque, olha, o carinho de minha mãe é a única coisa boa que tive na vida, porque ela gosta de mim assim mesmo... como sou.

VALENTIN: — (Apontando o mesmo pão que Molina tinha separado antes para comer como sanduíche.) Posso cortar o pão para você?

MOLINA: — Claro...

VALENTIN: — (Cortando o pão.) Nunca teve bons amigos, importantes para você?

MOLINA: — Meus amigos foram sempre... viadíssimos, como eu, e entre nós, como te dizer, não confiamos muito em nós, porque somos medrosos. Estamos sempre esperando a amizade, ou o que for, de alguém mais sério, de um homem, é claro. E isso nunca acontece, porque um homem quer mesmo é uma mulher.

VALENTIN: — (Escolhendo a fatia de presunto para o sanduíche de Molina.)



E todos os homossexuais são assim?

MOLINA: — Há alguns que se apaixonam entre eles. Eu e minhas amigas somos mulher. Não gostamos dessas brincadeiras, são coisas de homossexuais. Sem humor nós somos mulheres normais que vamos para a cama com homens.

VALENTIN: — (Sério, concentrado demais no assunto como quer para observar o lado humorístico.) Manteiga?

MOLINA: — Sim, obrigado. Preciso te contar uma coisa.

VALENTIN: — Claro, como não, o filme.

MOLINA: — (Maquiavélico e ao mesmo tempo nervoso.) O advogado falou que as coisas vão indo bem.

VALENTIN: — Sou uma besta, devia ter perguntado.

MOLINA: — E quando uma apelação é levada em conta, o sentenciado passa para outro lado do presídio. Daqui a uma semana podem me tirar desta cela.

VALENTIN: — (Muito tocado pela notícia, procurando disfarçar.)
Que bom... você deve estar contente.

MOLINA: — Não quero pensar muito nisso, criar ilusões... Coma um pouco de salada russa.

VALENTIN: — Você acha?

MOLINA: — Está gostosa.

VALENTIN: — Meu estômago se fechou com a notícia.
(Fica de pé.)

MOLINA: — Faz de conta que não te falei nada, porque não é nada certa.

VALENTIN: — Não, a coisa vai bem, temos de nos alegrar.



- MOLINA: — Coma a salada.
- VALENTIN: — Não sei o que há comigo, de repente... me sinto bem.
- MOLINA: — Te dói alguma coisa, a barriga?
- VALENTIN: — Não, é uma confusão, na cabeça.
- MOLINA: — Confusão por quê?
- VALENTIN: — Deixa eu descansar um pouco. (Valentín torna a se sentar, descansa a cabeça sobre as mãos, a luz vai mudando, para indicar uma mudança de tempo, eles permanecem na mesma posição; há tensão e sensibilidade especiais no ar.)
- MOLINA: — O rapaz está totalmente desorientado, não sabe o que fazer com o bicho estranho de esposa que ele tem. Ela entra, repara que ele está sério, vai ao banheiro deixar os sapatos sujos de lama e ouve o que ele lhe diz, que foi apanhá-la no médico e ficou a par de que nunca ia. Ela então chora e lhe diz que tudo está perdido; que é o que sempre teve medo de ser, uma louca com alucinações, ou pior ainda, uma mulher-pantera. Ele então amolece e toma-a nos braços e você tem razão quando diz que ela para ele é como uma criança, porque quando a vê tão indefesa, tão perdida, sente de novo que a ama com toda sua alma, e diz que tudo vai se ajeitar... (Suspira profundamente.) Ahhh...
- VALENTIN: — Que suspiro!
- MOLINA: — Que vida esta mais difícil...

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VALENTIN: — O que foi, Molinita?

MOLINA: — Não sei, tenho medo de criar ilusões que vão me soltar... e que me ponham em outra cela e eu fique ali para sempre, quem sabe com que vagabundo.

VALENTIN: — Pense numa coisa: a saúde de sua mãe é a coisa mais importante para você, não é?

MOLINA: — E...

VALENTIN: — Concentre-se nisso, e pronto...

MOLINA: — (Dando rédea solta à sua aflicção.) Não quero me concentrar nisso!

VALENTIN: — Ei... o que foi?...

MOLINA: — Nada!

VALENTIN: — Levanta a cara desse travesseiro..., você está me escondendo alguma coisa?

MOLINA: — (Chorando.) E que...

VALENTIN: — Mas é que o quê? Saindo daqui você vai ficar livre, se quiser pode entrar para algum grupo político.

MOLINA: — Está louco, não vão confiar em mim porque sou bicha.

VALENTIN: — Mas posso te dizer a quem contactar...

MOLINA: — (De repente com força, levanta a cabeça do travesseiro) Por tudo o que você tiver de mais sagrado, nunca, mas nunca, entende?, me fale nada de seus companheiros.

VALENTIN: — Quem vai imaginar que você vai ter com eles?

MOLINA: — Podem me interrogar, seja lá o que for, e se não sei nada não posso dizer nada.

VALENTIN: — Mas de qualquer maneira tem muitos grupos de ação po-

lítica, mesmo que sejam desses que não fazem mais que falar. Quando você sair tudo vai mudar.

MOLINA: — Não, o terrível é que nada vai mudar.

VALENTIN: — Quantas vezes já te vi chorar? Chega, rapaz, não fico nervoso de ver você abrir o berreiro.

MOLINA: — E que não agüento mais... tenho tanto... azar... (A luz elétrica da penitenciária se apaga.)

VALENTIN: — Já estão apagando a luz?... Em primeiro lugar você tem que pensar em se enturmar, em não ficar sozinho.

MOLINA: — Não entendo nada desses troços... (repentinamente sincero) e também não acredito muito nisso.

VALENTIN: — (Rio.) Então agüenta a mão.

MOLINA: — (Chorando ainda um pouco.) Não falemos... mais...

VALENTIN: — (Conciliatório.) Anda... não fique assim... (Dando-lhe tapinhas nas costas com afeto.)

MOLINA: — Não... te peço, não toca em mim...

VALENTIN: — Um amigo não pode dar tapinhas em você?

MOLINA: — É pior...

VALENTIN: — Por quê? diga o que você tem...

MOLINA; — (Com profundo sentimento.) Estou muito cansado, Valentín. Cansado de sofrer. Me dói tudo por dentro.

VALENTIN: — Onde te dói?

MOLINA: — Dentro do peito, e na garganta... Por que será que a gente sente a tristeza sempre aí?, como está me apertando, esse nó na garganta.

VALENTIN: — E verdade, aí é onde a gente sente ela mais.



MOLINA: — ...

VALENTIN: — Está te apertando com muita força esse nó?

MOLINA: — Está.

VALENTIN: — É aqui que está doendo?

MOLINA: — E...

VALENTIN: — Não posso te acariciar... aí?

MOLINA: — Pode...

VALENTIN: — (Depois de uma pequena pausa.) Que descanso me dá...

MOLINA: — Por que descanso, Valentín?

VALENTIN: — Não pensar em mim, por um instante. E pensar em você, que você precisa de mim, e posso fazer alguma coisa por ti..

MOLINA: — Você procura uma explicação para tudo... que loucura.

VALENTIN: — Não gosto que as coisas me atropelem... quero saber por que elas acontecem.

MOLINA: — Posso tocar em você?

VALENTIN: — Pode...

MOLINA: — Quero tocar nesse sinal... meio cheinho que você tem em cima desta sobrancelha.

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Você é muito legal.

VALENTIN: — Não, você é que é legal.

MOLINA: — Se você quiser, pode me fazer o que quiser... que eu por mim quero.

VALENTIN: — ...





MOLINA: — Se eu não te dou nojo.

VALENTIN: — Não fala assim, calado é melhor. (Coloca-se debaixo do mesmo lençol que Molina.) Chega um pouco para a parede.

MOLINA: — ...

VALENTIN: — Não se enxerga nada, nesta escuridão.

MOLINA: — ... Devagar.

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Não, assim dói muito.

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Devagarinho, por favor...

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Assim.

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Obrigado ...

VALENTIN: — Obrigado a você também. Sente-se melhor?

MOLINA: — Sim ... E você, Valentín?

VALENTIN: — Não pergunta ... porque não sei nada ...

MOLINA: — Ah, que barato ... Maravilha ...



VALENTIN:— Não fale, por algum tempo, Molinita.

MOLINA:— E que sinto... u, as coisas tão esquisitas... Sem querer agora botei a mão em minha sobancelha à procura do sinal.

VALENTIN:— Que sinal?... Eu é que tenho um sinal, e não você.

MOLINA:— Sim, já sei, mas botei a mão em minha sobancelha para tocar no sinal... que não tenho.

VALENTIN:— Calado, fica um pouquinho calado.

MOLINA:— E sabe, Valentín, que outra coisa senti? mas só por um minuto...

VALENTIN:— Fala, mas fica assim, quietinho.

MOLINA:— Só por um minuto, achei que eu não estava aqui... nem aqui, nem lá fora.

VALENTIN:—...

MOLINA:— Achei que eu não estava, que estava apenas você.

VALENTIN:—...

MOLINA:— Ou que eu não era eu. Que agora eu... era você.



CENA IX

Dia, cada qual em sua cama.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: - Bom dia... (A gente nota que ele está renovado, alegre.)

MOLINA: - (Também luminoso.) Bom dia, Valentin.

VALENTIN: - Dormiu bem?

MOLINA: - Dormi. (Com calma, sem impor nada.) Que é que você quer, chá ou café?

VALENTIN: - Café, para ficar bem aceso, e poder estudar... Até retomar o ritmo de antes. E você, passou o mau humor?

MOLINA: - Passou, mas estou meio apalermado. Não penso, não consigo pensar em nada.

VALENTIN: - Eu também não quero pensar em nada, e vou estudar. Com isso eu me safo.

MOLINA: - Se safa de quê? De se arrepender do que aconteceu?

VALENTIN: - Cada vez eu estou mais convencido de que o sexo é a própria inocência..

MOLINA: - Posso te pedir uma coisa? Para a gente não discutir nada, hoje.

VALENTIN: - Como quiser.

MOLINA: — Sinto-me... bem, e não quero que nada me tire essa sensação. Desde pequeno não me sentia tão contente. Desde o tempo em que mamãe comprava algum brinquedo para mim.

VALENTIN:—Você se lembra de algum brinquedo, daquele de que mais gostou?

MOLINA: — Uma boneca.

VALENTIN:—Ui!! (Valentín desata a rir.)

MOLINA: — Mas por que esse riso todo?

VALENTIN:—Aí, que bom psicólogo eu me saí.

MOLINA: — O que foi?

VALENTIN:—Nada... queria ver se havia alguma relação entre esse brinquedo... e eu.

MOLINA: — (Entrando na brincadeira.) A culpa é tua por perguntar.

VALENTIN:—Tem certeza que não era um boneco?

MOLINA: — Não, uma boneca bem loura, de tranças, vestida de tirolesa. (Riem, sem nenhum nervosismo.)

VALENTIN:—Gostaria de te fazer uma pergunta... Você, fisicamente, é tão homem quanto eu...

MOLINA: — Uhmm...

VALENTIN:—Por que então não te ocorre... agir como homem? Não digo com mulheres, se não te atraem, mas com outro homem.

MOLINA: — Não dá. Só sinto prazer assim.

VALENTIN:—Então, se você gosta de ser mulher... não deve se sentir diminuído por causa disso.

MOLINA: — ...





VALENTIN:— Quero dizer que você não tem que pagar com ~~gratidão~~ coisa, com favores, só porque você gosta disso. Não tem nada que... se submeter.

MOLINA:— Mas se um homem... é meu marido, ele tem que mandar, para se sentir bem. Isso é natural.

VALENTIN:— Nada disso, o homem da casa e a mulher da casa devem estar no mesmo nível. Caso contrário, é uma exploração.

MOLINA:— Assim não tem graça.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN:— O quê?

MOLINA:— Já que você quer saber... a graça consiste em que quando um homem te abraça, dê um pouco de medo.

VALENTIN:— Quem foi que te botou essa idéia na cabeça? Tudo isso é muito errado.

MOLINA:— Mas eu sinto assim.

VALENTIN:— Você não sente assim, te ensinaram a sentir assim. Para ser mulher não é necessário... sei lá... ser mártir. E se não fosse porque deve doer à beca eu pediria para você fazer isso em mim, para demonstrar que essa coisa de ser macho não dá nenhum direito a nada.

MOLINA:— (Muito contrariado.) Esta conversa não está levando a nada.

VALENTIN:— Pelo contrário, quero discutir.

MOLINA:— Mas eu não, e pronto. Peco-lhe, por favor.

VOZ DO GUARDA:— Sentenciado Luis Alberto Molina, visita no locutório.

71

A porta se abre, Molina sai. Valentín com profunda satisfação
arruma os seus livros, prepara lápis e papel, começa a estudar;
enquanto isso ouve-se a voz do Diretor.



VOZ DO DIRETOR: — Sim, senhorita, quero falar com seu chefe, por favor... Tudo bem? Que há de novo por aí? Por aqui nada, de modo algum. E, por isso é que li-quei. Daqui a uns minutos vou ver ele ... Se precisarem desse dado antes de lançarem a contra-ofensiva, compreendo. ... E no caso de Molina ainda não saber de nada, o que é que eu faço com ele? O senhor acha?... livre hoje mesmo?... mas por que hoje?... Claro, não há tempo a perder. Ótimo, se o outro lhe passar uma mensagem o próprio Molina nos levará à célula... Compreendo, é só lhe dar alguns minutos, e outro lhe passa a mensagem... A dificuldade reside em Molina não ter de notar a vigilância na rua... E difícil prever as reações de um tipo como Molina, afinal de contas um amoral.

A porta da cela torna a se abrir, entra Molina profundamente abati-
tido.

MOLINA: — Coitado de você, Valentín, ficou olhando para minhas
mãos.



VALENTIN:— Foi sem querer.

MOLINA: — Você não conseguiu deixar de olhar, meu coitadinho.

VALENTIN:— Mas que linguajar...

MOLINA: — Não me trouxeram nenhum embrulho. Você vai ter que me desculpar. Ai, Valentín ...

VALENTIN:— O que é que há?

MOLINA: — Ai, você não sabe...

VALENTIN:— O que foi? Anda, fale!

MOLINA: — Vou-me embora.

VALENTIN:— Da cela?... mas que azar...

MOLINA: — Não, saio em liberdade.

VALENTIN:— Não ...

MOLINA: — Me deram liberdade provisória.

VALENTIN:— (Com inesperada explosão de alegria.) Mas é uma maravilha...

MOLINA: — Não sei...

VALENTIN:— Mas não é possível... é a coisa mais genial que podia acontecer!

MOLINA: — (Confuso diante da reação de Valentín.) Você é muito bacana em ficar tão alegre por minha causa.

VALENTIN:— E, fico satisfeito por sua causa mas também por outra coisa... isto é fabuloso! e te asseguro que não vai correr risco nenhum.

MOLINA: — O que é?



VALENTIN: — Olha... tinha uma informação fundamental que passar para eles, e estava morrendo de impotência sem conseguir passá-la para minha gente. Fundia a cuca procurando uma solução... E você a traz pra mim de bandeija.

MOLINA: — (Como que recebendo uma descarga elétrica.) Não sirvo para isso, você está louco.

VALENTIN: — Você decora tudo num instante. Só isso já serve. É falar para eles apenas uma coisa, eles não sabem que o comando Três caiu, e têm que ir a Santa Fé para a nova conexão.

MOLINA: — Não, Valentín, saio em liberdade condicional, qualquer coisa me pegam de novo.

VALENTIN: — Eu te asseguro que não existe risco algum.

MOLINA: — Te suplico. Não quero saber uma palavra de nada. Nem onde estão, nem quais são, nada.

VALENTIN: — Não gostaria que eu também pudesse sair um dia?

MOLINA: — Daqui?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALENTIN: — Sim, livre.

MOLINA: — Era a coisa que eu mais queria no mundo. Mas escuta, falo por teu bem... não tenho jeito para essas coisas, se me pegarem solto tudo.

VALENTIN: — Sou eu e não você o responsável por meus companheiros. Tudo o que tem a fazer é deixar passar uns dias e ligar de um telefone público. É marcar um encontro com alguém num lugar falso.

MOLINA: — Mas como num lugar falso?

VALENTIN: — Tem que dar a eles um lugar em código, por exemplo fala no cinema Monumental e isso quer dizer determinado banco de uma praça.



MOLINA: — Tenho medo.

VALENTIN: — Quando eu te explicar tudo o teu medo irá embora.

MOLINA: — Mas se o telefone estiver censurado eu me comprometo.

VALENTIN: — Falando de um telefone público, não, e mudando a voz, que é o troço mais fácil do mundo, eu te ensino. Tem mil maneiras, com uma bala na boca, com um palito de baíxo da língua...

MOLINA: — Não, Valentín.

VALENTIN: — Falaremos mais tarde.

MOLINA: — Não !!

VALENTIN: — Como quiser. (Molina deixa-se cair na cama, sem forcas, esconde a cara no travesseiro.) Olha para mim, por favor.

MOLINA: — (Sem pôr os olhos em Valentín.) Fiz uma promessa, não sei a quem, a Deus, embora não acredite muito nisso.

VALENTIN: — Sim...

MOLINA: — E é que a coisa que eu mais queria na vida era poder sair para tomar conta de mamã. E que sacrificava qualquer coisa por isso. E o meu desejo se realizou.

VALENTIN: — Você foi generoso em pensar primeiro em outra pessoa.

MOLINA: — Mas isso é justo, Valentín? que eu fique semore sem nada...

VALENTIN: — Você tem sua mãe e essa é a tua responsabilidade, e tem de assumi-la.

MOLINA: — Escuta, Valentín, minha mãe já teve a vida dela, já viu, já teve marido, filho... já é velha, sua vida está quase acabada.

VALENTIN: — Mas ainda está viva.

MOLINA: — E eu também estou vivo... Mas quando é que começa minha vida? Quando vai calhar de eu ter alguma coisa?

VALENTIN: — Lá fora você vai poder começar de novo.

MOLINA: — A única coisa que eu quero é ficar com você.

VALENTIN: — ...

MOLINA: — Você fica encabulado de eu falar assim?

VALENTIN: — Não... bem, fico.

MOLINA: — Fica o quê?

VALENTIN: — Isso, fico um pouco encabulado.

MOLINA: — Se eu passar essa mensagem, você vai sair mais depressa?

VALENTIN: — É uma maneira de ajudar a nossa causa.

MOLINA: — Mas não significa que vão te deixar sair logo. Você acredita que assim vão fazer a revolução mais depressa.

VALENTIN: — Sim, Molinita... Não quebre a cabeça, mas tarde a gente discute.

MOLINA: — Já não nos resta muito tempo para discutir.

VALENTIN: — (Com humor forçado.)... E, além disso, você tem que terminar o filme da lanterna.

MOLINA: — Ele termina mal.

VALENTIN: — E aí?



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MOLINA: — Ela é uma mulher com defeito. (Recuperando seu humor habitual.) Todas as mulheres com defeito terminamos mal.

VALENTIN: — (Rindo.) E o psicanalista? Ele afinal mandou ela pro bucho?

MOLINA: — Ela manda ele pro bucho! Mas de verdade... Bem, nem tanto, apenas o despedaça.

VALENTIN: — Ela me mata?

MOLINA: — No filme. Na vida, não.

VALENTIN: — Conta.

MOLINA: — Nada adianta, Irena vai de mal a pior, morre de ciúmes da outra, e tenta matá-la. Mas a outra sortuda sempre se salva. Até que um dia o marido, desesperado, marca um encontro com o psicanalista em casa, a sós, quando ela não está. Mas a coisa sai ao contrário, quem vai topor com o psicanalista é Irena. O cara, aprov eitando que estão sozinhos, se atira em cima dela e a beija. E aí Irena se transforma em pantera. Quando o marido chega, o cara já tinha perdido todo o sangue. Enquanto isso ela vai se aproximando da jaula da pantera, sozinha na noite. Naquela tarde guardou com ela a chave quando o zelador a esqueceu na fechadura. Irena avança, está como que transportada a outro mundo. O marido vem a toda velocidade com a polícia. Irena abre a jaula para a pantera, que avança em cima dela e a mata, da primeira patada, com a sua garra. A sirene da polícia assusta a fera, que corre pela rua e outro carro a atropela e mata.



VALENTIN: — Vou sentir a tua falta, Molinita.

MOLINA: — E, quanto mais não seja, dos filmes.

VALENTIN: — É isso. E, quanto mais não seja, dos filmes.

MOLINA: — Queria te pedir uma coisa de despedida. Uma coisa que a gente nunca fez, embora a gente tenha feito coisas piores.

VALENTIN: — O quê?

MOLINA: — Um beijo.

VALENTIN: — É verdade,

MOLINA: — Mas no final de tudo, quando eu for embora.

VALENTIN: — Está bem.

MOLINA: — Tenho uma curiosidade... você sentia nojo de me dar um beijo?

VALENTIN: — Ummm... deve ter sido medo que você virasse pantera.

MOLINA: — Não sou a mulher-pantera.

VALENTIN: — É verdade.

MOLINA: — É triste ser mulher-pantera, ninguém pode beijá-la. Nem nada.

VALENTIN: — Você é a mulher-aranha que agarra os homens em sua teia.

MOLINA: — (Deleitado.) Que barato! Disso sim é que eu estou gostando.

VALENTIN: — E agora é você que tem que me prometer uma coisa: que você vai se fazer respeitar, que não vai permitir que ninguém te trate mal, nem que te explore... Promete



que não vai permitir que ninguém te humilhe.

VOZ DO GUARDA: — Sentenciado Luis Alberto Molina, depressa com os seus pertences.

MOLINA: — Valentín...

VALENTIN:— O quê?

MOLINA: — Nada... nada...

VALENTIN:— ...

MOLINA: — Valentín...

VALENTIN:— O que é?

MOLINA: — Nada, uma besteira...

VALENTIN:— Você queria me pedir...?

MOLINA: — O quê?

VALENTIN:— O beijo.

MOLINA: — Não, era outra coisa.

VALENTIN:— Não quer que eu te beije, agora?

MOLINA: — Bem, quero, se você não sentir nojo.

VALENTIN:— Olha que eu fico zangado. (Aproxima-se de Molina e lhe dá um beijo na boca, timidamente.)

MOLINA: — ...

VALENTIN:— ...

MOLINA: — Obrigado.

VALENTIN:— Obrigado a você.

MOLINA: — ...

VALENTIN:— ...



MOLINA: — É agora você tem que me dar o número de seus companheiros.

VALENTIN: — Como quiser.

MOLINA: — Passarei a mensagem para eles.

VALENTIN: — Está bem. Era isso o que você queria me dizer ainda há-pouco?

MOLINA: — Era.

VALENTIN: — (Volta a abraçá-lo.) Você não sabe a alegria que me dá. O número é 323-1025.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Molina repete o número com os lábios, começa a arrumar suas coisas, vai colocando tudo numa saca. Valentín começa a afundar na tristeza da separação, ouvem-se as vozes gravadas de Molina e Valentín acompanhando esta ação.

VOZ DE MOLINA: — O que aconteceu comigo, Valentín, ao sair daqui?

VOZ DE VALENTIN: — A polícia vigiou você o tempo todo, censurou seu telefone, tudo. Quem primeiro ligou para você foi um tio, teu padrinho, e disse que você não voltasse a se meter com menores. Você respondeu o que ele merecia, que fosse à merda, que na oração tinham te ensinado o que era dignidade. Chamaram seus amigos para você, e pelo telefone se trataram de Greta, de Marlene, de Marilyn, e a polícia pensou que poderia ser um código. Você conseguiu um trabalho como vitrinista e um dia afinal você ligou para os meus companheiros. Levou sua mãe ao cinema, e comprou revistas de m^das para



ela. E um dia você se encontrou com meus companheiros, mas a polícia tinha te seguido, e te prenderam. Meus companheiros, do carro em fuga, te balearam de morte, como você mesmo tinha pedido, no caso de a polícia te agarrar. E é só... E comigo, Molina, o que aconteceu?

VOZ DE MOLINA:—Te torturaram muito... e as tuas feridas se infectaram. Um enfermeiro se compadeceu e às escondidas te deu morfina, e você sonhou.

VOZ DE VALENTIN:— Com quê?

VOZ DE MOLINA: — Sonhaste que dentro de ti, bem no peito, levavas Marta, e que nunca mais iam se separar. E ela te perguntou-se não tinhas pena do que havia acontecido comigo, de minha morte, por culpa tua conforme ela disse.

VOZ DE VALENTIN:— E o que eu lhe respondi?

VOZ DE MOLINA: — Você respondeu que eu tinha morrido por um ideal nobre e desinteressado. E ela disse que não, que não foi nada disso, que eu me sacrificara para morrer como mais uma heróina do cinema. E você falou que só eu devia saber disso. E sonhou que estava com muita fome, quando você escapou da prisão, e que tinha chegado a uma ilha selvagem, e no meio da mata você encontrou uma mulher-aranha que te dava de comer. E ela estava triste ali sozinha na selva, mas tinhas que seguir a tua luta, e voltar para teus companheiros, com as forças renovadas, por causa da deliciosa comida que a mulher-aranha havia te dado.

VOZ DE VALENTIN:— E no final eu me salvei da polícia, ou tornaram a me agarrar?

21997

VOZ DE MOLINA: — Não, no final você fugiu da ilha, contente, para prosseguir a luta com seus companheiros, porque era um sonho curto, mas era feliz...

Abre-se a porta, Molina e Valentín abraçam-se com imensa tristeza, Molina sai, a porta se fecha, cai o pano.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025